O MOVIMENTO ANTIVACINAS E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS

Angéli do Prado Casagrande[1]
Dimitrius Gonçalves Machado[2]
Cristianne Maria Famer Rocha[3]
Kamyla Stanieski Dias[4]

RESUMO

O presente artigo trata da atuação dos grupos antivacinação nas mídias sociais, buscando compreender algumas das estratégias de subjetivação utilizadas. Sob a perspectiva dos Estudos Culturais, foram analisadas quatro postagens do grupo *Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas*, publicadas no *Facebook*, de março de 2020 a março de 2021. Pode-se perceber que tais práticas discursivas sobre as vacinas buscam, ao criarem e/ou (re) produzirem certos saberes, produzir subjetividades, direcionando assim as condutas dos adeptos aos discursos antivacinas para a não aceitação daquilo que se apresenta como um discurso já

[1]Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
[2]Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)
[3]Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
[4]Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

consolidado pela ciência. Os efeitos da disseminação de postagens, como as aqui analisadas, vêm sendo sentidos através da diminuição da adesão à vacinação, mesmo nos países onde a mesma é obrigatória, como é o caso do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE
Grupos Antivacinação; Redes Sociais; *Fake News*.

ABSTRACT

This article deals with the performance of anti-vaccination groups in social media, seeking to understand some of the subjectivation strategies used. From the perspective of Cultural Studies, four posts from the group *Vaccines: The Dark Side of Vaccines*, published on *Facebook* from March 2020 to March 2021, were analyzed. It can be seen that such discursive practices about vaccines seek, by creating and/or (re) producing certain knowledge, to produce subjectivities, thus directing the conduct of supporters of anti-vaccine discourses to the non-acceptance of what is presented as a discourse already consolidated by science. The effects of the dissemination of posts, as the ones analyzed here, have been felt through the decrease of adherence to vaccination, even in countries where vaccination is mandatory, such as Brazil.

KEYWORDS
Anti-vaccination Groups; Social Networks; Fake News.

INTRODUÇÃO

Como todo saber que pretende alcançar *status* de verdade, desde o surgimento das vacinas houve desconfiança acerca de sua eficácia e muitos ditos contrários às formas de inoculação e à imposição obrigatória da vacinação. A emergência das primeiras ligas antivacinas, no século XIX na Inglaterra e no século XX no Brasil, marcam importantes pontos de proveniência do Movimento Antivacinas que conhecemos hoje, de caráter multifacetado, cuja atuação ocorre principalmente através da internet.

Tais movimentos representam fenômenos culturais contemporâneos, materializados por pessoas e famílias que decidiram não aderir às campanhas de vacinação, em função de crenças religiosas, filosóficas, políticas, econômicas, sociais, culturais, dentre outras, enunciadas por diversos canais que põem em dúvida os conhecimentos científicos acerca das vacinas.

Este artigo tem como proposta olhar para os seguintes pontos de ambiguidade: como funcionam as técnicas de subjetivação utilizadas por um determinado grupo, em uma rede social, com vistas a obter adeptos para a causa antivacinação? De que forma essas ações, ao buscarem conduzir condutas, se apropriam de discursos negacionistas, conservadores e também científicos para defenderem suas pautas? Entretanto, não endossamos aqui uma análise exaustiva e sim apenas elencar algumas questões específicas que surgem ao nos atentarmos a um grupo do *Facebook* que aborda o tema antivacinas*: Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas*[5]. Essa escolha se dá a partir da compreensão de que as mídias sociais exercem a função de produção e circulação de discursos, abarcando um grande conjunto de experiências e depoimentos que fabricam um efeito regulador na sociedade. Com relação a esses novos saberes, vê-se o aparecimento de argumentos antivacinação, que se difundem nesses grupos, colocando em risco a continuidade dos resultados alcançados na diminuição do número de novos casos de algumas doenças.

As notícias (verdadeiras ou falsas), produzidas pelos movimentos antivacinação, funcionam como produtoras de subjetividades através das mídias sociais. Buscaremos, deste modo, compreender algumas das estratégias de subjetivação utilizadas por um grupo antivacina, muito ativo no *Facebook*, para obterem adeptos ao movimento. Para tanto, problematizaremos a partir da análise das postagens, alguns desses discursos que têm apresentado grande influência nas estratégias sanitárias.

SOCIEDADE MIDIATIZADA E OS RISCOS DAS *FAKE NEWS*

Observa-se, nas últimas três décadas, que as atenções das mídias nos países industrializados modificaram seus focos para novas ameaças devido à força de

[5]Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/> Acesso em: 21 jan. 2021.

crenças ligadas aos riscos da vacinação. A identidade dos grupos antivacinação baseiam-se em referenciais histórico-culturais e a produção de sentidos se sustenta na circulação das informações em diferentes discursos.

> Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência (FOUCAULT, 2016, P.143).

As investidas de poder no sentido de produzir novos discursos podem se mover com a velocidade do sinal eletrônico, não se limitando mais ao espaço territorial, desencadeando complexos fenômenos culturais. A análise desses fenômenos articula conceitos contemporâneos e a influência midiática como difusora de enunciações e perigos, como os que ampliam o debate acerca da ligação do autismo com as vacinas.

A história do movimento antivacina não é linear e nem tão fácil de ser contada, sobretudo se considerarmos apenas as referências dos países ocidentais. Mas, alguns eventos podem ser considerados importantes e os relataremos brevemente aqui. O primeiro (que decidimos citar), ainda que não tenha chegado a comprometer a cobertura dos programas de imunização ingleses e estadunidenses, foi aquele publicado por Leo Kanner e Leon Eisenberg (1957) que associavam a vacina MMR e o autismo. Mais recentemente, em 1999, uma publicação na conceituada revista *The Lancet*, sobre os resultados preliminares de um estudo realizado pelo médico Andrew Wakefield, descreve que doze crianças desenvolveram comportamentos autistas e inflamação intestinal grave, após a realização da vacina MMR, que protege contra sarampo, rubéola e caxumba. Em tal publicação, Wakefield (1999) indicou a possibilidade de um "vínculo causal" do autismo com a vacina. Em 2007, o livro *The Vacine Book: Making the Right Decision for Your Child*, do médico Robert Sears, também suscita o debate acerca da desconfiança ligada a supostos efeitos colaterais advindos dos processos de imunização.

No entanto, para que esses discursos viessem a circular em direção a um estatuto de verdade, houve a adesão de diversos grupos de profissionais da saúde

que divulgaram tais ideias (LEVI, 2013). Há também outros grupos com fundamentação filosófica ou religiosa, como a *fatwa*[6] dos fundamentalistas islâmicos, cuja interferência contrária à vacinação é apontada como responsável pela não erradicação da poliomielite no mundo, devido à circulação endêmica da doença no Paquistão, Afeganistão e Nigéria.

No caso das redes sociais digitais, há uma crescente proximidade entre emissores e receptores, proporcionando novas matrizes de difusão de ideias, elevando narrativas que não necessitam de uma fundamentação à altura das verdades científicas. Estas teorias ofertam sentidos organizadores, como modelos para ação que, neste caso, conduzem decisões desses grupos pela não imunização ou pela imunização parcial dos filhos, desfazendo, assim, complexos processos estratégicos de imunização populacional organizados por conhecimentos científicos. É importante considerar também que, na atualidade, a autoridade científica vem sendo constantemente atacada e deslegitimada em diferentes espaços, de modo que tais discursos, declaradamente anticientíficos, encontram um solo fértil para circularem com facilidade:

> A posição de autoridade que a ciência um dia desfrutou só perduraria na persistência de um isolante dividindo a especialização científica das diversas formas de possibilidade de conhecimento leigo, o que só se verifica nos campos nas quais aquela ainda consegue demarcar pela posse de algum conhecimento esotérico, no sentido fleckiano. É plausível imaginar que a debilidade desses sentidos esotéricos (assim como a emergência e a popularização de outros, interpretados, traduzidos e enunciados pelas mídias) na perspectiva histórica das mutações dos processos midiáticos a partir da segunda metade do século XX, tenha criado condições para a amplificação de novos riscos, medos e ameaças nas dinâmicas simbólicas sociais. (VASCONCELLOS-SILVA; CASTIEL; GRIEP, 2015, p.610)

[6]A *fatwa* ou fátua consiste em uma espécie de sentença com efeito legal pronunciada por um especialista em lei religiosa, sobre um assunto específico. No referido episódio, ocorrido no ano de 2000, houve a proibição da vacinação contra a poliomielite para membros do Islã nos países citados.

No início do ano, com a pandemia de COVID-19 (uma doença causada pelo vírus SARS-COV-2, da família dos Coronavírus, cujos primeiros casos surgiram no final do ano de 2019, na China), os grupos que já espalhavam notícias contrárias às vacinas direcionaram o foco para o novo Coronavírus, veiculando conteúdos por meio de diversas redes sociais. Em matéria divulgada na edição de 31 de março de 2020 do *Jornal da USP* (2020) produzida pelo União Pró-Vacina, aponta que as estratégias desses grupos antivacinas consistem na distorção de conteúdo científico e jornalístico, de modo a disseminar teorias da conspiração e até oferecer curas a partir da utilização de produtos tóxicos para a saúde humana. Segundo a mesma fonte, o Brasil não alcançou a meta de 95% de cobertura vacinal em nenhuma das quatorze vacinas do calendário anual em 2019, o pior índice em 25 anos. Esses números se refletem no reaparecimento de casos de sarampo, doença anteriormente considerada erradicada do país.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020) considera que a rejeição à imunização é uma das principais ameaças frente ao Coronavírus. Segundo Alexandre de Figueiredo *et al.* (2020), um estudo publicado recentemente na revista *The Lancet* divulgou que 26% dos franceses não tomaria a vacina contra a nova patologia, no Reino Unido, esse índice chega a 12% e nos Estados Unidos uma quarta parte da população não tem interesse em se vacinar contra a COVID-19. Para Neil Johnson (2020, p. 2), o movimento antivacinação ao redor do mundo "revela uma paisagem multifacetada de complexidade sem precedentes, que envolve quase 100 milhões de indivíduos divididos em *clusters* altamente dinâmicos e interconectados em cidades, países, continentes e idiomas". Segundo esse autor, o atual cenário reúne os requisitos apropriados à instauração de dúvidas e questionamentos que atuam na produção de novos discursos de reafirmação da crise. Os "antivacinas" agem no sentido de arrebatar os milhões de indecisos que circulam nas redes (*online* principalmente), com produção de conteúdo em massa e compartilhamento em diversos formatos como *links* e vídeos que podem facilmente ser reproduzidos em outras plataformas.

No contexto da sociedade midiatizada, a rede abrange uma multidão de indivíduos, membros estes que se constituem em sujeitos dinâmicos e constantemente reconfigurados (SARAIVA; VEIGA-NETO, 2009). Para Gabriel Tarde (1986), os públicos dizem respeito às mídias: assim, na contemporaneidade, um mesmo indivíduo pode pertencer a um sem número de públicos, a um sem número de mundos e tudo pode se tornar objeto de um público. Assim como uma produção discursiva, como a antivacinação, pode permear públicos diversos

com processos de significação diversos, aderindo aos chamados de fácil entendimento propostos pelas narrativas de risco que supostamente as vacinas trariam.

Garcia e Duarte (2020) alertam para o grande volume de informações associadas a um mesmo assunto e, no caso específico da pesquisa por elas realizada, sobre os riscos associados à vacina contra o novo Coronavírus. Para elas, "o excesso de informações, muitas vezes conflitantes, torna difícil encontrar aquelas que são verdadeiramente úteis [...] e pode dificultar a tomada de decisão por gestores e profissionais da saúde, especialmente quando não há tempo hábil para avaliar as evidências disponíveis" (p.1). Compreendemos que, para essas informações se adequarem a variados públicos, elas precisam estabelecer uma relação que busca na memória de cada público uma maneira de se aliar e traçar uma relação de sentido aos indivíduos. Não passa, dessa maneira, por uma obrigação de não se vacinar e, sim, de uma liberdade individual que, dentro de uma racionalidade neoliberal[7], funciona tanto como uma liberdade de escolha quanto uma liberdade que impõe o privado sobre o público e, desse modo, forma a opinião pública. Compreendendo aqui racionalidade neoliberal como um modo de vida que coloca a empresa como princípio de compreensão do mundo (DARDOT e LAVAL, 2016). Opinião pública torna-se, assim, um conjunto de opiniões diversas em conflito constante, em que fundamentos privados se sobrepõem aos coletivos, deslocando a atenção para uma liberdade individual e privada como sendo a única possível, que captura a atenção e modula as memórias:

> Assim, a copiosa produção e disseminação de comunicação científica primária ou secundária confunde-se com apropriações terciárias persecutórias, ingênuas, preconceituosas, alinhadas a agendas políticas, criminosas ou meramente comerciais, para validar ideias e conceitos fundamentados por enganada – ou enganosa – cientificidade de pontos de vista[...]. Toda essa proliferação de vozes falaciosas e dissonantes parece gerar, em nível planetário, ceticismo acerca de narrativas factuais, assim como a percepção de uma absoluta falta de centro para referências e orientação. (VASCONCELLOS-SILVA, CASTIEL, 2020, p.2)

[7]A racionalidade neoliberal tem como característica a expansão e fortalecimento da "lógica de mercado" fora da esfera mercantil, isso diz respeito à transformação da competição de forma geral dentro das atividades de produção, especialmente aquelas que produzem serviços não mercantis, estendendo-se para as atividades sociais fora da esfera produtiva.

A busca de informações na internet sobre temas ligados à saúde é impulsionada pelo desejo de obter informações práticas e de fácil acesso. No entanto, a ausência de certezas frente ao evento pandêmico atravessado pelo mundo contemporâneo, facilita o surgimento de dúvidas e reafirmação de crenças de caráter não científico, o que pode dificultar a compreensão da complexidade da situação e criar teorias conspiratórias a partir da excessiva produção e agilidade na difusão de desinformação através das redes sociais.

Ao longo da história, os meios de comunicação atuaram como protagonistas em tempos de crise (ZAGO, 2011). Com a difusão da internet, a partir da década de 1990 e uma maior expansão nos anos 2000 no Brasil, esse meio de informação se tornou, gradualmente, uma das principais fontes de notícias, alertas e busca por informações diversas em tempo real. A segunda geração de serviços online, a Web 2.0, potencializou as formas de compartilhamento, organização e publicação de informações na internet, o que possibilitou uma maior interação entre sujeitos e a criação de sites de redes sociais (JENKINS, 2009). É através destes espaços que ocorre a formação de comunidades virtuais que, assim como as não virtuais, têm como base a partilha de valores e interesses comuns (CASTELLS, 2004).

Novas mudanças seguiram (e seguem) ocorrendo e não somente convivemos com a convergência das mídias, como deixamos de ser, ao longo da última década, cada vez menos passivos consumidores e sempre mais produtores que participam, discutem, interagem, criticam e, principalmente, espalham aquilo que recebem. A "cultura da conexão" propicia que cada um de nós, a partir de seus aparelhos individuais e hiperconectados, possamos escolher, compartilhar, reconfigurar e remixar conteúdos de mídia de maneiras nunca antes imaginadas, e não o fazemos sozinhos, mas como integrantes de comunidades cada vez mais amplas e de redes que permitem propagar conteúdos muito além dos limites geográficos (JENKINS, GREEN e FORD, 2014).

As diversas ferramentas digitais trouxeram outras possibilidades aos sujeitos, além de estabelecer redes de caráter social uns com os outros ou simplesmente manter laços afetivos, se expressarem e partilharem o que quiserem, inclusive opiniões e questionamentos sobre os mais variados temas, fomentando debates e discussões em fóruns e grupos nas redes sociais. Além disso, o acesso e o compartilhamento de informação foram facilitados com a criação e o aprimoramento de ferramentas e sites de busca. As questões de saúde, como a preservação

e o autocuidado não ficaram imunes a esse movimento, já que os pacientes do século XXI chegam aos consultórios médicos previamente informados através das pesquisas realizadas nas redes. Amanda Milléo de Almeida (2019) denomina esses indivíduos de "pacientes empoderados". Com base nas considerações de Kate Lorig (2002, p.1), define-se esses pacientes empoderados como aqueles que "se responsabilizam pelas decisões diárias sobre a própria saúde e que trabalham junto com os provedores de saúde enquanto colaboradores e parceiros, com o objetivo de produzir a melhor saúde possível com os recursos disponíveis".

Além de fornecer recomendações e informações, em sites e, principalmente, nas redes sociais, é comum a manipulação de conteúdo com produção de narrativas e versões interessadas sobre as informações que são difundidas a partir da utilização desses recursos comunicativos. No entanto, Anna Kata (2012) alerta para o fato de que, ao invés de criar "pacientes informados", a internet, com uma aparente horizontalidade na apresentação das informações, por vezes, se transforma em uma poderosa ferramenta utilizada por movimentos negacionistas, a exemplo dos antivacinas para espalhar "medo, incertezas e dúvidas" (p. 3.784).

As redes sociais digitais têm colaborado para a propagação rápida de conteúdo, atingindo grandes números de pessoas. Antonio Marcos Pereira Brotas *et al*. (2021), a partir da análise de vídeos do *YouTube* (uma rede social criada em 2005 onde é possível publicar, editar e assistir vídeos gratuitamente) sobre o movimento antivacina, sinaliza a necessidade de investir em estratégias de comunicação que possam desconstruir e esclarecer informações falsas na internet. Muitos dos discursos analisados apontam para duas perspectivas: uma narrativa que faz referência a um modo de vida baseada em terapias naturais – que refuta a racionalidade médica; já a outra narrativa apresente um tom mais político, que questiona e desconfia das instituições políticas, científicas e midiáticas (BROTAS *et al*., 2021, p. 88).

Se, por um lado, as inovações apontam para uma possível diversidade e democratização da produção e compartilhamento de informações; por outro, temos sido alertados pela concentração de dados em umas poucas plataformas/ empresas digitais (majoritariamente empresas privadas que, no caso dos países ocidentais, estão, coincidentemente, instaladas em uma mesma região de um único país) que, ao contrário do que imaginado por Jenkins *et alii* (2014), tem fragilizado e ameaçado os processos democráticos, tais como os conhecíamos (MOROZOV, 2018; LANIER, 2018). Recentemente, a Organização Pan Americana de Saúde (OPAS) alertou sobre os riscos que o "excesso de informações, al-

gumas precisas e outras não, torna difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa" (OPAS, 2020).

Em 2020, a pandemia da Covid-19 acentuou a situação e acendeu o alarme relativo à excessiva produção de informações (muitas delas falsas) e o alto engajamento obtido em decorrência do distanciamento social (DOMINGUES, 2021; GARCIA e DUARTE, 2020), mas já convivemos com impressionantes campanhas de movimentos antivacina (NASSARALLA *et alli*, 2019; BROTAS *et alli*, 2021; VIGNOLI *et alli*, 2021), dentre outros temas também desafiantes, seja pela falta de informações ou, mais recentemente, pela produção excessiva de informações (que mais confundem do que ajudam a compreender os fenômenos).

Com efeito, o discurso crítico (e, muitas vezes, contrário) às vacinas ganhou fôlego nos últimos anos, e vem se destacando durante a pandemia de COVID-19 devido à urgência da criação de vacinas para combater o novo vírus. Soma-se ao acesso rápido e facilitado aos conteúdos em questão, o encontro de um público disposto a debater o assunto.

De acordo com Foucault (2005b), no seio de cada sociedade, é produzido um regime de verdade. Tal regime se apresenta como regulador, apontando quais discursos são tomados como verdadeiros e falsos, bem como organizam seu acolhimento e circulação. Ao lado disso, são observadas as técnicas e procedimentos utilizados para a legitimação da verdade. De acordo com o autor, é preciso perceber qual o exercício do poder que rege o que é legitimado como verdade, ou seja, "não se trata de libertar a verdade de todo sistema de poder" (FOUCAULT, 2005b, p. 12), mas de:

> (...) ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legítimos, contra a instância teórica unitária que pretenderia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência detida por alguns. [...] Trata-se da insurreição dos saberes não tanto contra os conteúdos, os métodos e os conceitos de uma ciência, mas de uma insurreição dos saberes antes de tudo contra os efeitos de poder centralizadores que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa (FOUCAULT, 2005b, p. 171).

Entretanto, é preciso que fiquemos atentos para não confundirmos o que trazemos aqui, a partir da provocação feita por Foucault, de que a verdade não é única, mas construída, com a ideia de que qualquer coisa vale. É por reconhecer que há regimes de verdade que constituem algo como verdadeiro que precisamos ficar ainda mais atentos. Afinal, os processos de disseminação das discursividades que buscam construir ganchos de segurança em direção a verdades acolhedoras (e que soam, muitas vezes, como as únicas possíveis) podem, ao mesmo tempo, ser apenas mais uma interessada *fake news*. Vale comentar que o termo, devido a importância que recebeu, ao longo dos últimos anos, foi incorporado ao Dicionário Oxford e eleita a palavra do ano de 2016:

> [...] vamos refletir sobre a definição de *fake news*. O termo está em oposição ao hipotético conceito de *true news*, que remete ao já postulado conceito de verdade, examinado pelos mais diversos teóricos ao longo dos tempos, sendo apaziguado como algo que simplesmente não se pode aprisionar. Para Foucault, a verdade seria uma produção histórica, discursiva e, portanto, em transformação e suscetível a atuação de determinados mecanismos de poder. (RIBEIRO, 2020, p.41)

Todavia, a difusão de notícias falsas não é algo novo, tampouco exclusivo das mídias digitais e redes sociais na internet. A ampliação dos meios de comunicação no ambiente digital impulsionou e facilitou a produção e a circulação de informações falsas. Maierovitch (2020, p. 32) afirma que a disputa de poder é o "ninho natural das mentiras", o que engloba não só notícias falsas como, também, informações parciais, interpretação tendenciosa, vazamento seletivo, manipulação de imagem, vídeo ou voz e descontextualização. *Fake news,* porém, não pode ser visto como simples mentiras, mas uma, entre outras, estratégias específicas de nosso tempo que buscam produzir narrativas que, ao não estarem atreladas à fundamentação, ancoram-se nas memórias do público que as recebe com possíveis *status* de verdade por quem as produz, apelando às emoções e crenças prévias para um convencimento aligeirado do leitor (ALMEIDA, 2019, p.18).

Atualmente, os dispositivos móveis, como *smartphones* e *tablets,* proporcionam um acesso ininterrupto à internet, onde qualquer dúvida ou curiosidade

pode ser solucionada numa rápida consulta via ferramentas de busca. Isso fez com que houvesse um aumento significativo pelos assuntos de saúde no Brasil, a partir de 2018 (ALMEIDA, 2019). Em levantamento realizado pelo Google, no início de 2019 percebeu-se que 26% dos brasileiros realizam buscas na plataforma de pesquisa acerca de seus problemas de saúde (ALMEIDA, 2019). Nesse contexto, além dos sites de busca, destaca-se o papel das comunidades virtuais presentes nas redes sociais:

> Comunidades virtuais ocupam um papel único no empoderamento dos indivíduos com a própria saúde. Participantes de comunidades online têm a possibilidade de compartilhar informações e obter conhecimentos a partir das experiências diárias de outras pessoas com uma doença. Fazendo isso, ele aprende sobre tratamentos alternativos, conhece os efeitos colaterais/adversos de certos medicamentos, e compartilha decisões sobre o processo terapêutico com seus pares. (PEREIRA NETO *et al.*, 2018, p. 88)

André Pereira Neto *et al.* (2018) conceituam o paciente empoderado como aquele que passa de uma posição de vulnerabilidade, desigualdade ou impotência para um patamar de transformação, onde recebe maior autonomia, autodeterminação e consciência política. Ter acesso à informação e ao conhecimento são os recursos que acabam por impulsionar essa mudança, mas dentro de todas as possibilidades oferecidas pela internet, os autores destacam a influência dos grupos e das comunidades virtuais.

Nestes espaços virtuais são criados laços e afinidades a partir de interesses comuns, proporcionando um novo modo de interação e relacionamento entre as pessoas, o que pode facilitar a propagação de informações falsas. Maierovitch (2020, p. 34-35) aponta algumas características que facilitam a propagação de *fake news* na internet: mensagens e narrativas pessoais e sociais mescladas com extrato de artigos científicos e notícias reais; grupos online constituídos por afinidade acabam gerando uma carga emocional e afetiva, fazendo tudo soar mais confiável; esta confiança por sua vez impulsiona o compartilhamento de informações mesmo que de fonte duvidosa, podendo assim inibir dúvidas; a produção e disseminação em escala industrial de informações e notícias falsas por sis-

temas automatizados, além da customização do conteúdo através de algoritmos para captar a atenção e determinados grupos.

ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E ANALÍTICOS

O grupo *Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas* era um grupo aberto do *Facebook* que contava com 15.106 membros (até o momento dessa escrita), o mesmo foi retirado do a em meados de junho de 2022, provavelmente por atualizações da política da plataforma ou pela própria vontade da administradora[8]. O lema do grupo era: "Pelo direito de escolha, pelo consentimento informado". Nele, foram apresentados, principalmente durante o ano de 2021, após o início da vacinação contra a covid-19 no Brasil, relatos de reações adversas, reportagens e dados sobre testagem e composição de vacinas. Um levantamento inicial dessas manifestações mostra a existência de uma certa "aversão" dos pais à vacina, aderindo ao movimento por preocupação com os riscos que ela traria a seus filhos.

Ao acessar o grupo, adotou-se a postura de *lurker* (em tradução simples, aquele que espreita), descrita por Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2016) como um método de pesquisa para internet. Tal método favorece uma postura silenciosa onde o pesquisador participa de determinado espaço online de forma passiva e observacional. A opção de permanecer em silêncio se deve ao fato de que, diante de interações ou argumentos favoráveis às vacinas ou contrários às notícias falsas disseminadas pelos administradores (principais responsáveis pelas postagens), um membro ativo (e não apenas observador) que participasse de forma contrária ao propagado no grupo poderia sofrer ameaças, ofensas e/ou ser excluído do grupo, o que comprometeria a coleta de dados.

Com a observação sistemática do grupo, durante a pandemia, mais precisamente a partir de março de 2020, percebeu-se uma grande variedade de postagens sobre as vacinas. A coleta de dados se deu através de cópias das telas realizadas durante o ano de 2020, mais precisamente a partir do mês de março, até

[8]Os prints de todas as publicações realizadas no referido Grupo, durante o ano de 2021, podem ser acessados no *link*:
https://drive.google.com/drive/folders/1TnVZp5fhYvC7-eX-fr7GUqXKDYWy9kcD?usp=sharing

março de 2021. Nesse período, foram contabilizadas 640 postagens, das quais foram escolhidas as que demonstram uma forma de ação específica e que compreendemos como exemplares em seu potencial de subjetivação.

Para analisar as postagens selecionadas nesse texto, nos atentamos ao postulado por Rosa Maria Bueno Fischer (1995) a respeito das produções discursivas, interrogando as verdades veiculadas pelo e no grupo, mas sem a intenção de procurar referentes ou fazer interpretações reveladoras ou sentidos obscuros ou escondidos. Ao analisarmos as verdades sobre a antivacinação e seus deslocamentos através das mídias sociais, entendemos que os "discursos funcionam como narrativas que de certa forma traduzem os fenômenos 'reais' do mundo para a inteligibilidade de uma determinada cultura humana" (KATZ, 2017, p. 30, grifo no original). Partindo do pressuposto de que as formações discursivas operam a partir da união de diversos enunciados, "pode-se dizer que seus enunciados têm força de 'conjunto' e se situam como novos campos de saber, os quais tangenciam mais de uma formação" (FISCHER, 2001, p.07, grifo no original).

Foram escolhidos para análise, nesse texto, quatro postagens publicadas no grupo *Vacinas: o lado obscuro das vacinas*, no ano de 2021. A tônica de intolerância com o que é percebido como exótico pelos membros do grupo é importante ser ressaltado aqui para termos em vista a articulação entre o exótico e a vacina para, assim, construir uma lógica de exclusão. A primeira postagem se refere a uma reportagem publicada no *Portal G1*, da Rede Globo de Comunicação, que reproduz conteúdos frequentes sobre a vacinação emitidos por órgãos de saúde, entretanto, a administradora, responsáveis pela maioria das postagens, produz uma narrativa de deslegitimação da informação que circula no portal a partir de critérios religiosos. Neste post podemos ver uma captura de tela que apresenta uma prática cerimonial de cultura indiana para celebrar a entrega das vacinas, o comentário do administrador invalida a ciência atrelada à vacina por estar junto de uma "adoração de deuses pagãos".

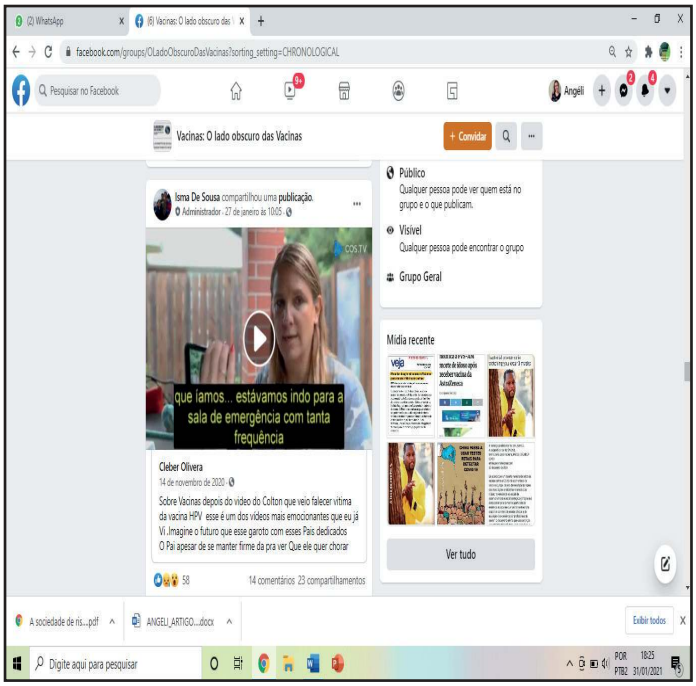
Figura 1 - Notícia sobre a parceria da Índia com o Brasil na produção de Vacinas contra o novo Coronavírus



Fonte: Facebook (2021)

A postagem apresentada na Figura 2 se caracteriza como uma estratégia muito comum no grupo, na qual se busca reafirmar uma suposta associação entre determinadas vacinas e a morte de pessoas com base em relatos pessoais. A notícia não se instaura somente pela informação que veicula, mas pela articulação da informação com aval dos membros que a compartilham. Vídeos e fotos de crianças ou gestantes que teriam sofrido reações adversas graves com o uso de vacinas e a associação dos imunizantes com malformações e/ou doenças, também representam meios utilizados para chamar a atenção para os riscos da vacinação.

Figura 2 - Vídeo com depoimento de uma mãe que supostamente perdeu o filho devido a reações adversas à vacina HPV



Fonte: *Facebook* (2021)

A Figura 3, traz a foto de capa do grupo, nela os administradores indicam que a vacinação não é considerada uma obrigação, pois alegam que a livre escolha e o consentimento informado de todos riscos e benefícios em linguagem acessível são direitos garantidos de cada paciente e, portanto, dever dos profissionais da saúde assim garantirem. De acordo com Biondo-Simões *et al*. (2007), os pacientes devem ser informados de acordo com sua personalidade, grau de conhecimento, condições clínicas e psíquicas, para que exerça sua autonomia quanto à aceitação de um tratamento específico ou experimentação, conhecendo a natureza do tratamento, suas consequências e seus riscos. A acusação que parte dos grupos antivacinas é de que os médicos e demais profissionais de saúde se atêm mais aos benefícios das vacinas, omitindo dados relevantes sobre os riscos de reações adversas e até mesmo sobre substâncias tóxicas contidas nos imuni-

zantes. Assim, busca-se dar garantias para que os pacientes/usuários decidam sobre suas escolhas e assumam os possíveis riscos decorrentes delas.

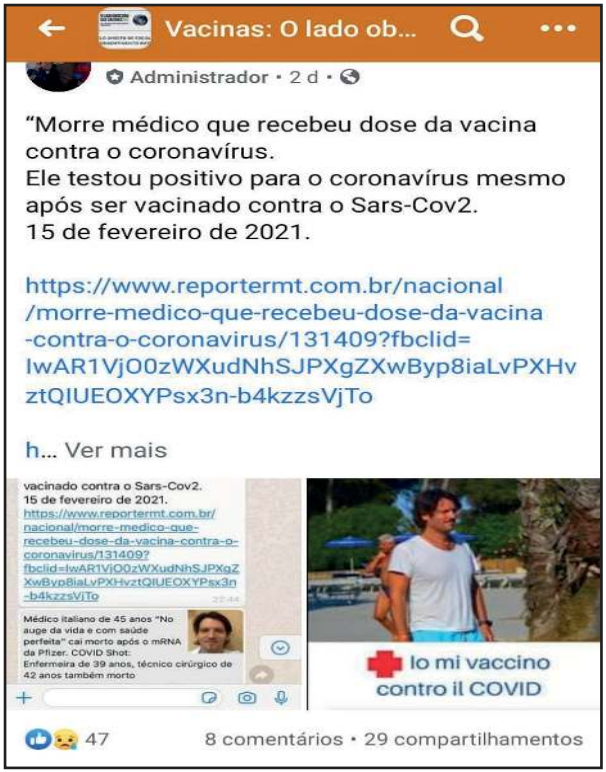
Figura 3 - Foto de capa do grupo



Fonte: *Facebook* (2021)

Como referido antes, o grupo contava com mais de 15 mil participantes e, a partir do ano de 2020, as postagens associadas à Covid-19 e ao desenvolvimento das novas vacinas contra o Coronavírus ganharam destaque, mantendo um grande volume de postagens e interações, que chegaram a 1,6 mil em 28 dias segundo informações do *Facebook*. Durante o início de 2021, com o início da vacinação contra o Covid-19 em diversos países, o foco das postagens foram as supostas aplicações falsas e mortes de pessoas recentemente imunizadas (ver Figura 4, a seguir).

Figura 4 - Postagem sobre morte supostamente associada à vacina contra o Novo coronavírus



Fonte: Facebook (2021)

Publicações como essa tentam construir narrativas que remetem à experiência como forma de corroborar uma verdade pressuposta e, assim, questionar os discursos científicos que sustentam determinadas práticas.

Com o intuito de monitorar a confiança nas vacinas ao redor do mundo, o *Vaccine Confidence Project* (VCP), fundado em 2010, desenvolveu uma série de abordagens sistemáticas para informar sobre as mudanças ocorridas, bem como os determinantes que levam o público à adesão aos programas de imunização. O estudo mostra o resultado de pesquisas realizadas em 149 países, a partir da análise qualitativa aprofundada e das mídias digitais em grande escala. O levantamento apontou para uma redução da confiança nas vacinas em geral, entre os anos de 2018 e 2019, em países como as Filipinas e a Polônia. Nesse último país,

que vinha em crescimento entre 2015 e 2018, a queda foi atribuída aos efeitos crescentes de um grupo antivacinação local organizado. Os principais fatores analisados pelo VCP foram confiança, importância e eficácia das vacinas. Ocorreu um aumento considerável de pessoas que discordaram a respeito da segurança das vacinas, em 2019, em comparação com os dados de 2015. Juntamente com problemas de acesso aos serviços de saúde, ficou evidente a crescente recusa de vacinas devido à falta de confiança na importância, segurança, ou eficácia dos imunizantes. A atuação dos grupos antivacinação também foi considerado como um importante acontecimento discursivo contemporâneo que atua principalmente nas mídias sociais (DE FIGUEIREDO *et al*, 2020).

Tais práticas discursivas sobre as vacinas e a discussão sobre sua eficácia em relação ao que se propõem, como as utilizadas pelo grupo *Vacinas: O lado obscurso das vacinas*, buscam, ao criarem e/ou (re)produzirem certas verdades, produzir subjetividades, direcionando assim as condutas dos adeptos aos discursos antivacinas para a não aceitação daquilo que se apresenta como um discurso já consolidado pela ciência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A OMS nomeou a hesitação vacinal como uma das dez principais ameaças à saúde global em 2019 (OMS, 2019). Conforme Vasconcellos-Silva (2019), a postura antivacinal está inserida em um conjunto de ideias que contém em si uma contradição e a mudança no pensamento independe de uma visão lógica e fundamentada por parte da população. Pelo contrário: o movimento antivacinação opera através da memória e do medo dos riscos e utiliza como principais instrumentos uma narrativa de fácil compreensão e a (re)produção intensa de *fake news*.

Com o presente texto, buscamos apresentar algumas características de um grupo antivacina, compreendendo-o como parte de uma rede discursiva que vem se adensando na atualidade. Tal discussão se mostra bastante complexa, pois perpassa diversas áreas do conhecimento, como a saúde, a comunicação, as políticas públicas, a economia, a religião, a filosofia, entre outras. A partir da reflexão sobre alguns dos efeitos dos discursos antivacinação, procura-se alertar

para a profusão de discursos disseminados nos meios de comunicação, especialmente nas mídias sociais.

No atual contexto da pandemia de COVID-19 e considerando seus desdobramentos no Brasil, considera-se que vivemos momentos especialmente dramáticos no que concerne as questões de saúde, abrangendo aí a questão das imunizações. Ao nos atentarmos para essa problemática, buscamos contribuir para a compreensão dessa rede discursiva que, através dos possíveis efeitos de verdades, procura dirigir as condutas, desde os indivíduos até as populações para a recusa de vacinas.

RECEBIDO em 12/10/2022
APROVADO em 21/01/2023

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M. **Movimento antivacinas na internet:** da apropriação e recirculação do jornalismo de saúde ao empoderamento em grupos no Facebook. 2019. 120f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3yte6PU> Acesso em: 18 fev. 2021.

BIONDO-SIMÕES, M. L. P. *et al*. Compreensão do termo de consentimento informado. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, v. 34, n. 3, p. 183-188, 2007.

BROTAS, A. M. P.; COSTA, M. C. R.; ORTIZ, J.; SANTOS, C. C.; MASSARANI, L. Discurso antivacina no YouTube: a mediação de influenciadores. **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 72-91, jan./mar. 2021. DOI: https://doi.org/10.29397/reciis.v15i1.2281

CARDOSO, T. **Grupos antivacina mudam foco para covid-19 e trazem sérios problemas à saúde pública.** Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-da-saude/grupos-antivacina-mudam-foco-para-covid-19-e-trazem-serios-problemas-a-saude-publica/>. Acesso em: 21 mai. 2021.

CASTELLS, M. **A galáxia internet:** reflexões sobre internet, negócios e sociedade. Lisboa: Fundação Calouste Gunbenkian, 2004.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE FIGUEIREDO, A. *et al*. Mapping global trends in vaccine confidence and investigating barriers to vaccine uptake: a large-scale retrospective temporal modelling study. **The Lancet**, v. 396, n. 10255, p. 898-908, 2020.

DOMINGUES, L. Infodemia: uma ameaça à saúde pública global durante e após a pandemia de Covid-19. **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde,** Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 12-17, jan./mar. 2021. DOI: https://doi.org/10.29397/reciis.v14i4.2237

FISCHER, R. M. B. A análise do discurso: para além de palavras e coisas. **Educação & realidade,** Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 18-37, 1995.

FISCHER, R.M.B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de pesquisa,** São Paulo, n. 114, p. 197-223, 2001.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, M**. Arqueologia do Saber.** 7 ed. Trad. Luiz F.B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005a.

FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas.** 8 ed. Trad. Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder.** 21 ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2005b.

FOUCAULT, M. O retorno da moral. In: ESCOBAR, Carlos Henrique de (Org.). **Dossier Michel Foucault: últimas entrevistas.** Rio de Janeiro: Taurus, 1984, p. 71-73.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Método de pesquisa para internet.** Porto Alegre: Sulina, 2016.

GARCIA, Leila P.; DUARTE, E. Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde,** São Paulo, v. 29, n. 4, e2020186. DOI: https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400019

JENKINS, H.; GREEN, J.; FORD, S. ***Cultura da Conexão:*** Criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JOHNSON, N. F. *et al*. The online competition between pro-and anti-vaccination views. **Nature,** London, v. 582, n. 7811, p. 230-233, 2020.

KANNER L.; EISENBERG L. Early infantile autism, 1943- 1955. **Psychiatr Res Rep Am Psychiatr Assoc** 1957; (7), p.55-65.

KATA, A. A postmodern Pandora's box: Anti-vaccination misinformation on the Internet. **Vaccine**, Kidlington, v. 28, n.7, p. 1709-1716, 2010. Disponível em: http://bit.ly/2sAZ0tR. Acesso em: 22 jan 2021.

KATA, A. Anti-vaccine activists, Web 2.0, and the postmodern paradigm: An overview of tactics and tropes used online by the anti-vaccination movement. **Vaccine,** Kidlington, v.30, n. 25, p. 3778-3789, 2012. Disponível em: http://bit.ly/2EQmtfg. Acesso em: 4 jan. 2021.

KATZ, E. P. **Escola Sem Partido:** Uma análise das investidas de poder sobre as identidades docentes. 2017. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2017. Disponível em: <https://argo.furg.br/?BDTD11673>. Acesso em: 3 ago. 2021.

LANIER, J. **Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LEVI, G. C. **Recusa de vacinas:** causas e consequências. São Paulo: Segmento Farma; 2013.

LORIG, K. Partnership between expert patient and physicians. **The Lancet**, London, v. 359, n. 9309, p.814-815, Mar. 2002. Disponível em: https://bit.ly/2XizuEj Acesso em: 14 abr. 2019.

MAIEROVITCH, C. **Fake news:** prevenir-se e agir. In: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Fake news* e saúde. Brasília: Gerência Regional de Brasília, 2020, p.32-39.

MOROZOV, E. **Big Tech:** A ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu, 2018.

NASSARALLA, A. P. A.; DOUMIT, A. M.; MELO, C. F.; LÉON, L. C.; VIDAL, R. A. R.; MOURA, L. R. Dimensões e consequências do movimento antivacina na realidade brasileira. **RESU – Revista Educação em Saúde**, v. 7, sup. 1, p. 120-125, 2019. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/234552458.pdf> Acesso em 20.set.2021.

NICOLAZZI, F. F. A narrativa da experiência em Foucault e Thompson. **Anos 90: revista do Programa de Pós-Graduação em História,** Porto Alegre, v. 11, n. 19/20 (jan./dez. 2004), p. 101-138, 2004.

OMS considera movimento antivacina uma ameaça à saúde mundial. **Revista Veja**, 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/oms-considera-movimento-anti-vacina-uma-ameaca-a-saude-mundial/> Acesso em 21.mai.2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a covid-19.** Washington: OPAS, 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14> Acesso em 25.jul.2021.

PEREIRA NETO, A.. *et al*. O paciente informado e os saberes médicos: um estudo de etnografia virtual em comunidades de doentes no Facebook. **História, Ciências, Saúde**. 118 Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 22, supl., p.1653-1671. 2016. Disponível em: https://bit.ly/2Ait6V3. Acesso em: 14 abr. 2019.

RIBEIRO, R. **Vacina da informação na era das fake news.** In FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Fake news e saúde*. Brasília: Gerência Regional de Brasília, 2020, p. 41-46.

SARAIVA, K.; VEIGA-NETO, A. Modernidade líquida, capitalismo cognitivo e educação contemporânea. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p.187-202, 2009.

TARDE, G. **La Opinión y la Multitud**. Madrid, Taurus, 1986.

VASCONCELLOS-SILVA, P. R.; CASTIEL, L. D. A internet na história dos movimentos anti-vacinação. **ComCiência**, Campinas, v. 32, n. 121, p. 75-78, 2010.

VASCONCELLOS-SILVA, P. R.; CASTIEL, L. D.; GRIEP, R. H. A sociedade de risco midiatizada, o movimento antivacinação e o risco do autismo**. Ciência & Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, v. 20, p. 607-616, 2015.

VASCONCELLOS-SILVA, P. R.; CASTIEL, L. D. COVID-19, as *fakes news* e o sono da razão comunicativa gerando monstros: a narrativa dos riscos e os riscos das narrativas. **Cadernos de Saúde Pública,** Rio de Janeiro, v. 36, p. e00101920, 2020.

VEIGA-NETO, A. Governmentality and education. **Revista Colombiana de Educación**, Bogotá, v. 2, n. 65, p. 19-42, 2013.

VIGNOLI, R. G.; RABELLO, R.; ALMEIDA, C. C. Informação, misinformação, desinformação e movimentos antivacina: materialidade de enunciados em regimes de informação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação,** Florianópolis, v. 26, p. 1-31, 2021.

WAKEFIELD, A. J. MMR vaccination and autism. **The Lancet**, London, v. 354, n. 9182, p.949-950, Sep. 11, 1999. DOI: https://doi.org/10.1016/S0140-6736(05)75696-8